

A PSICANÁLISE E AS FASES DA ORGANIZAÇÃO DA LIBIDO

LUIS ACHILLES RODRIGUES FURTADO¹
CAMILLA ARAÚJO LOPES VIEIRA²

Resumo: Este artigo visa tecer considerações sobre o tema da sexualidade humana, especificamente as fases de organização da libido cujo referencial teórico é a psicanálise. Esta tem seu início com Sigmund Freud operando inúmeras subversões no tocante ao pensamento do homem sobre si e à forma de pensar a infância. Conclui-se que as fases da organização da libido são momentos nos quais ocorre uma ênfase em uma zona erógena em relação às outras, esses momentos não se confundem com as proposições desenvolvimentistas, referem-se à constituição do sujeito, sua relação com Outro e às operações lógicas de alienação e separação.

Palavras-chave: *Psicanálise. Sexualidade. Desenvolvimento.*

Muitos foram os personagens que marcaram o século XX e muitas foram as mudanças ocorridas tanto tecnologicamente quanto no que se refere ao pensamento humano. A história nos mostra que esse período foi fundamental para encontrarmos situações como as que hoje se apresentam aos nossos contemporâneos. Entre esses diversos personagens e mudanças no pensamento humano, encontramos aquele que desalojou os homens de suas próprias casas, de suas próprias certezas: Sigmund Freud. Este médico vienense foi responsável por mostrar à humanidade que ela não tinha domínio absoluto sobre seus pensamentos e que a sexualidade tem extensões e impactos muito mais profundos do que antes se imaginava. Assim, tirou o homem da certeza sobre a consciência de seus pensamentos e, também, de que sua sexualidade era expressão apenas da vida adulta.

Com a criação da teoria psicanalítica, Freud revolucionou a psicologia, filosofia, medicina, sociologia e diversos outros campos de saber. Sua vastíssima obra envolve assuntos dos mais diversos

1 Psicanalista. Mestre em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor adjunto do curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano–Brasil. E-mail: luis_achilles@yahoo.com.br

2 Psicanalista. Professora adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Saúde Coletiva Associação Ampla UFC/UECE/UNIFOR. E-mail: tgd.camilla@gmail.com

e mostra um aprofundamento na alma humana que antes nunca havia sido empreendido. Embora retrate muitos temas, que dizem respeito aos diversos aspectos da vida, Freud tem o cuidado de sempre mostrar os limites de seu trabalho, afirmando que a psicanálise não é uma visão de mundo e que tem seu objeto próprio de investigação: o **inconsciente**.

Sempre com pretensões científicas, além de delimitar o objeto desse novo campo de estudos, o primeiro psicanalista da história afirma que, para a investigação do inconsciente, se baseia primordialmente no atendimento clínico balizado por seu método de trabalho conhecido como **associação livre**. Esta livre associação diz respeito a um modo específico de falar ao psicanalista. A regra fundamental da psicanálise é enunciada da seguinte forma: “Fale tudo que lhe vier à cabeça, todos os pensamentos, quaisquer que eles sejam. Não faça censura a nenhum deles, mesmo que aparentemente não tenham sentido, sejam desconcertantes ou bobos”. Com isso, o psicanalista, por sua vez, escuta o paciente sem dar privilégio a nenhum dos conteúdos que lhe são relatados e acaba por perceber que existem outros sentidos que estão por trás desses relatos. Estes sentidos em estado latente foram chamados por Freud de “não sabido”, inconsciente.

Mas por que Freud chegou a descobrir esses conteúdos anímicos que são desconhecidos e por que se deveria investigá-los?

Como foi dito, a psicanálise é uma experiência clínica por excelência e partiu do atendimento de pessoas que sofriam de neurose. Para Freud, após suas experiências com a hipnose e, depois, com sua descoberta da associação livre, as neuroses, os sonhos, os atos falhos, os lapsos de memória, todos os eventos humanos — inclusive os mais cotidianos e insignificantes — são causados por desejos não realizados. Esses desejos não realizados ficam retidos no psiquismo, forçando o aparelho anímico na busca da satisfação que lhes foi cerceada. Quando se descobre seu sentido por meio do relato do paciente, diversos efeitos clínicos são obtidos na vida do analisante.

Como sabemos, nem todas as nossas aspirações são possíveis de realizar, principalmente quando dizem respeito ao nosso corpo e à nossa sexualidade. Com a impossibilidade da realização desses impulsos, aspirações e desejos, entra em ação um mecanismo que Freud chamou de **recalque**. Esse mecanismo consiste em afastar da consciência qualquer pensamento que tenha sido proibido de ser realizado. Isso acontece especialmente na forma de esquecimentos e trocas de palavras. Contudo, as aspirações não satisfeitas esforçam-se incansavelmente para retornarem à consciência e obterem sua satisfação. E isso só acontece ao preço de uma modificação radical, de um disfarce contra a censura que as proíbe, e então esses desejos encontram sua realização através dos sonhos, dos sintomas e outras formações substitutivas.

Tendo como conceito principal o inconsciente e seu método de investigação conhecido como psicanalítico, Freud (1900/1987) afirma, numa de suas principais obras intitulada *A Interpretação dos Sonhos*, que todo e qualquer sonho é a realização de um desejo inconsciente. Chega a afirmar que esses desejos correspondem a desejos sexuais infantis, que passaram por diversos mecanismos de modificação e hoje encontram sua satisfação em associações com experiências atuais. Entretanto, devemos agora explicar melhor aquilo que Freud chama de sexualidade infantil e seus efeitos na vida da pessoa adulta, bem como sua relação com a vida normal das pessoas.

A SEXUALIDADE INFANTIL E A VIDA SEXUAL DOS SERES HUMANOS

Além de Freud ter sido responsável pela mudança radical na concepção de sexualidade, foi também responsável pela nova concepção de infância que se seguiu depois de sua descoberta do inconsciente. Todas essas mudanças não foram aceitas de bom grado pela comunidade científica e fizeram de Freud alvo de muitas críticas e preconceitos. Para alguns, o psicanalista vienense era tido como pervertido e deveria ser inclusive preso por tratar de assuntos tão íntimos e despidorados (JONES, 1970). Era motivo de indignação que um médico falasse sobre as questões da vida sexual para jovens que tinham sua reputação inquestionável e que ainda se atrevesse a dizer que muitos daqueles desejos sexuais que estavam por trás dos sintomas neuróticos diziam respeito a fantasias sexuais infantis. Para o final do século XIX e o começo do seguinte, essas idéias constituíam um verdadeiro escândalo!

Ainda hoje é possível se ouvir: “Freud só pensava em sexo!”

Entretanto, para entendermos o ponto de vista freudiano é necessário que acompanhem seus mesmos questionamentos.

Como poderíamos definir de forma mais ampla o conceito de sexualidade? Freud (1917, p. 355), em sua conferência sobre a vida sexual dos seres humanos, propõe a seguinte e imprecisa formulação sobre esse conceito: “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos”. Com relação a essa imprecisa definição, o psicanalista faz sua própria contra-argumentação:

Os senhores acharão, no entanto, que esta conceituação é neutra e excessivamente imprecisa. Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual.

Todavia, se considerarmos essa definição acima, muitos fatos da realidade que são entendidos como relativos à sexualidade se mostrarão inexplicáveis. Sabemos, por exemplo, que existem pessoas que desejam outras do mesmo sexo. Tal forma de escolha de parceiro amoroso mostra-se inviável para a realização da união entre órgãos sexuais visando à reprodução.

Além da escolha homossexual, encontramos na vida comum das pessoas, práticas sexuais que não condizem com a finalidade reprodutiva do ato sexual tal como ele é biologicamente determinado. Encontramos as práticas de sexo oral, anal, masturbação, sadismo, masoquismo, exibicionismo e voyeurismo, fetichismo e, no entanto, nenhuma delas tem como finalidade última a reprodução propriamente dita. Muitas vezes, essas práticas dispensam a união entre os sexos.

Outro elemento extremamente comum e constituinte da vida afetiva e sexual normal das pessoas é o beijo. Esta é uma prática que tanto é utilizada para a expressão da afetividade entre as pessoas como também se mostra frequente durante a realização das práticas sexuais.

Segundo essa forma de pensar, Freud mostrou que a sexualidade humana possui variações consideráveis nas suas necessidades, as quais tornam o homem um ser completamente diferente dos outros animais. Chega, então, à conclusão de que esses elementos que constituem a vida sexual adulta, que dizem respeito também à obtenção de prazer em outras partes do corpo diferentes dos genitais, encontramos-os facilmente na vida das crianças. Certas partes do corpo que são fontes de prazer e de estimulação começam a atuar na criança desde seus primeiros momentos de vida e depois acabam se organizando para compor a função sexual propriamente dita.

Apesar de podermos encontrar referências da teoria freudiana sobre sexualidade infantil em inúmeros livros de psicologia do desenvolvimento, podemos afirmar com Freud e outros autores que a psicanálise não é desenvolvimentista. Segundo Freud (1938/1987), as fases da organização libidinal se superpõem umas às outras, não havendo este caráter de superação da fase anterior para se ascender a um estágio mais evolutivo. Trata-se de uma teoria da constituição do sujeito, onde as pulsões parciais são organizadas a partir dos modos de articulação da criança com o Outro. A histórica constituição do sujeito é perpassada pelas operações lógicas de alienação e separação em relação à dimensão da alteridade (BRAUNSTEIN, 1987; LACAN, 1964/1985).

FASES DA ORGANIZAÇÃO DA LIBIDO

Ao afirmar que o corpo da criança é fonte de estimulação constante e que essa estimulação tende a um movimento em direção à descarga, Freud teve que supor uma energia que denominou de

libido. Essa energia tem sua fonte nas zonas erógenas, é uma energia sexual e é o componente da vida psíquica humana. Para Freud, o movimento produzido na alma é causado pela libido, que se encontra distribuída desorganizadamente no corpo da criança e só em um momento posterior encontra uma organização que a orientará na busca da satisfação sexual.

Aquilo que foi denominado por fases da organização da libido ficou conhecido erroneamente na psicologia do desenvolvimento por fases do desenvolvimento psicosexual. Apesar de existir a descrição de como ocorre a sucessão dos estágios em que partes do corpo da criança são alvo de maior interesse, não há nenhum tipo de superação ou prolongamento de uma fase na outra. Não há cumulatividade de estruturas, tal como acontece na teoria de Jean Piaget (2001), durante o desenvolvimento dos seres humanos. Os estágios da organização da libido para Freud, são aqueles momentos em que certos impulsos relacionados com partes específicas do corpo da criança adquirem privilégio em relação aos outros. Isso não implica que outros impulsos não possam estar atuando ao mesmo tempo ou que os anteriores tenham sido superados e/ou deixado de atuar. Contudo, é necessário que entendamos como se constituem esses impulsos e quais são essas fases.

FASE ORAL

O ser humano é o animal mais prematuro e frágil ao nascer. O filhote humano depende de sua mãe em todos os aspectos. Só com o decorrer do tempo e com os acontecimentos de sua vida que ele vai adquirindo habilidades para coordenar autonomamente sua vida. As necessidades básicas de uma criança são, sem sombra de dúvida, a alimentação e a proteção. Essas necessidades primárias são conhecidas como fome e amor. Inicialmente, é através das vivências relativas à fome e ao amor que o psiquismo se estrutura.

É através da amamentação que uma criança obtém suas primeiras satisfações. É, portanto, através da boca que suas primeiras experiências prazerosas são vividas. Essas vivências são retidas na memória da criança e sempre que ela sentir necessidade de satisfazer seus impulsos novamente essas lembranças serão evocadas. Por isso, como observamos em crianças pequenas, a boca adquire um interesse especial na sua relação com os objetos que lhe cercam. Nesta fase da vida, o objeto privilegiado de seu interesse é o seio materno ou seu substituto. Com ele, adquire-se não só a satisfação da fome, mas da vontade de comer. O seio é acompanhado por um conjunto de elementos (voz, olhar, calor, carícia, proteção...) que constituem também suas primeiras relações com a mãe (Outro).

Mas nem sempre a mãe se mostra disponível, pois também deseja outras coisas e tem outras obrigações a cumprir. Assim, as necessidades da criança encontram suas primeiras frustrações através dos atrasos e afastamentos de sua mãe (ou daquela pessoa que ocupa sua função). O recurso que a criança dispõe para obter a satisfação dessas pulsões orais que estão pressionando seu psiquismo para uma satisfação é através da alucinação de seu objeto: o seio. A partir daí adquire-se uma nova forma de satisfação pulsional através da substituição do seio por outros elementos que possam servir de instrumentos através dos quais a energia psíquica originada da boca possa obter sua descarga por meio da sucção. Assim, aparecem a língua, o dedo, a chupeta e outros objetos.

Podemos nos perguntar: neste momento, é da fome que se trata? A resposta pode nos ser dada pela observação mesma das crianças quando são amamentadas. Facilmente verificamos que elas continuam a sugar o seio mesmo depois de obter a saciação de sua fome. O dedo, por exemplo, não constitui um alimento, bem como a chupeta e outros objetos. Ademais, Freud observou que a reação das crianças após a satisfação dessas pulsões orais é análoga ao relaxamento corporal que sempre acompanha a satisfação sexual adulta.

Outro elemento importante para ser destacado nesta fase oral da vida sexual infantil é que a primeira relação com os objetos é marcada pela oposição **dentro-fora**. Todos aqueles objetos que se mostram agradáveis são incorporados pela criança e os desagradáveis são expulsos. Essa é a primeira oposição simbólica que constitui o universo da criança, aqueles objetos que são agradáveis fazem parte do mundo infantil, os desagradáveis são afastados, ignorados. Nos termos freudianos, os objetos de satisfação são incorporados ao eu e aqueles desagradáveis são expulsos, ou seja, a relação do sujeito com o mundo é marcada pela oposição entre o eu e o não-eu (mundo dos objetos não agradáveis). (LACAN, 1953-54/1979; 1964/1985).

Podemos encontrar uma fase intermediária na relação com os objetos onde impulsos agressivos começam a se fazerem notar através das mordidas. Com o exercício dos músculos mandibulares, a criança obtém satisfação oral através das mordidas realizadas nos objetos. Chamamos essa fase de oral-sádica, onde podemos observar que à incorporação dos objetos também associando o impulso agressivo de destruição deste mesmo objeto. Os exemplos comuns das atividades orais-sádicas são as mordidas que as crianças dão nos seus coleguinhas mais queridos durante suas brincadeiras.

É importante perceber que as primeiras satisfações encontradas nas primeiras fases da organização da libido (oral, anal, fállica), são satisfações **autoeróticas**, ou seja, a criança encontra a satisfação desses impulsos no próprio corpo. Freud denominou esse autoerotismo de **narcisismo primário**.

Até então para obter satisfação de suas pulsões orais o bebê dirige ao Outro seu choro que é entendido como um apelo. O choro da criança passa a ter o significado de um chamado, de um pedido ao Outro, à mãe. Devemos entender que este sentido é dado pelo Outro, portanto, é alienado no Outro que o desejo da criança se constitui e adquire sentido. (LACAN, 1964/1985).

O asseio do corpo infantil e as exigências culturais de higiene corporal também não acontecem sem que adquiram importância para a criança, pois, afinal, outras partes do corpo entram em jogo. Agora, uma modificação se impõe. Não é mais a criança que dirige um apelo a mãe, mas ao contrário. É uma outra pessoa que dirige um pedido à criança para que ela regularize suas funções excretórias. Inicia-se, então, a educação para o controle dos esfíncteres e a criança passa a ter um papel ativo na relação com os seus novos objetos de prazer: as fezes.

FASE ANAL

Não foi só em decorrência da observação dos diversos cuidados dispensados ao corpo da criança durante seu asseio, mas verificando que a criança obtém prazer no processo de eliminação da urina e das fezes, que Freud propõe que a segunda fase da organização da libido é aquela que tem o ânus como fonte de estimulação e as fezes como objeto privilegiado. Isso não significa que as pulsões orais tenham sido superadas ou apagadas. Elas continuam a atuar, mas agora são as vivências relativas a excreção e contenção das fezes que entram em cena. Esta mudança não ocorreu devido uma maturação orgânica qualquer, mas em decorrência de uma inversão na relação do sujeito com o Outro: agora é o Outro quem se dirige ao sujeito. Se antes. Outro dava privilégio à relação com a troca de um objeto oral, agora trata-se de um objeto anal. (LACAN, 1960-61/1992).

Neste momento, a maneira como as crianças se relacionam com esta parte do corpo que se destaca (fezes, urina) é marcada pela oposição entre os termos **atividade e passividade**, diferentemente da oposição anterior: **dentro - fora**. Aquilo que antes era incorporação e exclusão do objeto (seio ou seu substituto), agora se manifesta na forma de contrair ou relaxar os esfíncteres. É nos termos do atendimento ou não da demanda provinda do Outro que o par atividade – passividade se apresenta.

Segundo Freud (1905), os excrementos, inicialmente, não tem um caráter repugnante. Eles são muito valiosos para as crianças como partes de seu corpo. E por isso não é tão fácil para elas se separarem desses objetos. Seu valor é tão especial que chegam a ser oferecidas como presentes para as pessoas queridas.

A relação que as pessoas mantêm com esses objetos relativos à analidade marca também, pelo resto da vida, os traços de caráter de cada um. O modo como as pessoas lidam com o dinheiro, por exemplo, é simbolicamente relacionado com os eventos da fase anal. Indivíduos caracterizados como perdulários ou avarentos, neste sentido, expressam, de alguma forma, sua relação com a sexualidade anal.

A ligação que esta fase tem com a sexualidade adulta não encontra dificuldades de compreensão quando admitimos que o ânus assume o papel de um órgão sexual. Outras práticas sexuais relacionadas às fezes são conhecidas pela vida íntima de algumas pessoas (coprofilia, p.ex.), entretanto estas práticas constituem variações específicas da vida sexual que são conhecidas como perversões sexuais.

Daí a proximidade que Freud faz entre as vivências infantis, as perversões sexuais e a vida sexual normal nos adultos. Elas encontram seus elementos primeiros na infância.

Salientamos que esses impulsos que são originados nas zonas erógenas são denominados de **pulsões**³. Essas pulsões estão situadas na fronteira entre o corpo e a psique dos indivíduos e sempre fazem pressão para obterem satisfação. A satisfação está sempre em parte relacionada ao próprio corpo e em parte aos objetos externos. Elas funcionam independentemente umas das outras e por isso são chamadas de pulsões parciais. Seus objetos podem ser os mais variáveis possíveis e elas podem encontrar diversos tipos de satisfação. Entretanto, a frustração dessas pulsões é que vai determinar como as pessoas se relacionam com os outros e com a cultura. Daí a importância da educação como agente civilizatório, pois é através da educação que a criança passa a tentar ter um domínio sobre esses impulsos, sejam eles sexuais ou agressivos. É através da internalização das diversas proibições dirigidas a esses impulsos que a criança aprende a lidar com seus limites e aprende a conviver em sociedade.

FASE FÁLICA E O COMPLEXO DE ÉDIPO

O período que se segue à fase anal tem uma importância fundamental na constituição subjetiva. Nele se apresenta o momento central que vai significar todas as outras vivências anteriores como relativas à sexualidade.

A fase fálica caracteriza-se como o momento em que os genitais e a diferença sexual passam a tomar o interesse da criança com maior intensidade. Os períodos anteriores são conhecidos como **pré-genitais**.

³ E não “instinto” como está mal-traduzido na principal edição da obra de Freud em português.

A fase em questão tem esse nome pelo fato de que é apenas o órgão sexual masculino que se torna objeto de interesse infantil, o que não significa que não ocorra fase fálica nas garotas. Todavia, existem diferenças fundamentais que marcam a diferença entre o funcionamento psíquico masculino e feminino.

Para tornar mais claras essas vivências infantis, Freud se utilizou da mitologia para tentar ilustrar universalmente o que ocorre nas crianças durante esse período. O autor se refere à tragédia grega de Sófocles intitulada *Édipo Rei*. Esta peça conta o drama do rei de Tebas conhecido por Édipo que, ao tentar fugir de seu destino, ironicamente foi ao encontro dele. Assim, não teve como escapar do que havia sido previsto para sua vida: casar com sua mãe e matar seu próprio pai.

Com essa figura mitológica Freud tenta mostrar que no menino acontece o interesse sexual por sua mãe e sua disputa por seu amor com o pai. O garoto rivaliza com a figura paterna dirigindo a ela impulsos agressivos, de forma análoga ao que acontece no mito.

Tentemos explicar mais claramente a vivência do **Complexo de Édipo** na infância.

A relação com a mãe ou com aquela pessoa que ocupa essa função é a primeira e mais fundamental na vida de qualquer ser humano. Inicialmente, a criança é tomada como objeto de satisfação da fantasia materna, sendo referida inclusive como parte de seu corpo. Isso acontece inclusive porque a própria mãe também assim o deseja. Leiamos um trecho da letra da música “*Pedaço de Mim*” de Chico Buarque de Holanda:

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma figada
No membro que já perdi (...)

Ao retratar o tema da separação, temos elementos na letra dessa música que mostram o desejo e o quanto um filho pode representar para a mãe uma parte do próprio corpo que certa vez lhe foi destacada. A gravidez é o momento mesmo em que a mãe e a criança constituem um só corpo e o parto é uma figura exemplar da separação. Ademais, a palavra “parto” também guarda homonímia com partir, separar...

Assim, a criança mantém desde seus primeiros momentos de vida essa relação especial com sua mãe. Esta, por sua vez pode ser desdobrada em duas figuras da alteridade: aquela que traduz seus pedidos na forma da linguagem (Outro, simbólico) e como objeto de satisfação (outro, imaginário).

A entrada no complexo de Édipo ocorre, portanto, muito precocemente, devido à relação privilegiada com a mãe. E é pelo discurso corrente em seu mundo que a questão da diferença sexual e o privilégio dos genitais vai entrar em cena. Isso acontece porque esta zona é extremamente sensível a estímulos bem como é também alvo de cuidados especiais (asseio, insinuações e censuras de caráter sexual, etc.). A criança — o menino em relação ao seu pênis e a menina em relação a sua vagina, principalmente seu clitóris — inicia uma prática masturbatória através da qual sua curiosidade se intensifica com as repreensões relativas ao assunto. Afinal, a todo momento e em todo lugar estamos fazendo referência à sexualidade. Como exemplo, basta lembrarmos a regra de que homens e mulheres devem usar banheiros diferentes em lugares públicos.

O menino, que ama e deseja sua mãe, descobre que existem pessoas que não possuem um pênis tal como ele. Sua irmã, prima, colega de escola ou qualquer outra pessoa do sexo oposto se apresentam para o garoto como diferentes, faltosas, castradas. Essa fantasia de castração nas pessoas que não possuem pênis ocorre devido às ameaças que anteriormente lhe haviam sido dirigidas com a intenção de inibir a prática da masturbação infantil. Além do mais, a criança supõe inicialmente que todas as pessoas são semelhantes e que todas elas possuem uma genitália igual à que possui. A visão da ausência desse órgão (desse traço) é que inicia um processo de pesquisa sobre a diferença sexual. Por que uns são detentores de um atributo tão valioso e outros não?

Muitas respostas — teorias sexuais infantis — podem ser elaboradas pela criança objetivando justificar a ausência do traço masculino encarnado pelo pênis nas mulheres. Pode-se pensar que esse órgão ainda vai crescer; que essas pessoas podem ter sido castradas porque continuaram sua prática masturbatória etc. Entretanto, acreditam ainda que sua mãe, “a pessoa mais respeitável do mundo”, ainda possui aquele atributo fálico.

Essa opinião começa a ruir quando o garoto percebe que sua mãe também é diferente, que lhe falta algo muito importante. Então, quando se verifica a diferença sexual da própria mãe, o garoto vive um momento de angústia, pois, na sua fantasia, percebe que a castração é possível e que inclusive sua mãe foi vítima! Esse momento traumático para o garoto é conhecido como **Complexo de castração**. O que resta ao menino é ter que obedecer às ameaças de seu pai, rival e detentor do amor da mãe, para que possa continuar ileso com relação a seu membro tão valioso. Neste momento, o pai mostra-se detentor de atributos que justificam as idas e vindas da mãe. O pequeno Édipo encontra em seu pai o responsável por sua mãe se atrasar e desejar outras coisas que não ele mesmo. Essas características, esses atributos que justificam e explicam para a criança as ausências da mãe, denominamos **falo**. São assim chamadas por constituírem representações substitutas desse pênis que falta à mãe e que ela vai buscar em outras pessoas ou objetos. **Falo** é o conceito psicanalítico que indica a representação da

falta e que permite a dialetização das relações do sujeito com o Outro. Ele é o indicativo não de uma presença, mas de uma ausência e, portanto, de uma insatisfação. (DOR, 1989)

Desta forma, o menino resolve abandonar o amor da mãe e buscar novas compensações para seus impulsos proibidos.

Na rivalidade com seu pai na busca do amor materno, o pequenino busca identificar-se com esse rival poderoso que, ao mesmo tempo que é odiado e temido, também é amado. Esse sentimento de amor e ódio em relação ao pai é denominado de ambivalência.

Com todo esse drama infantil, decorre também uma ávida pesquisa para tentar justificar essa diferença radical existente entre as pessoas. Essa pesquisa, motivada pela curiosidade sexual infantil, é o fundamento de toda atividade intelectual de investigação que ocorre na vida adulta.

É importante ressaltar que o pequeno Édipo, sepulta seu complexo através de uma ameaça de castração. Essa ameaça constitui uma lei enunciada pelo pai e custará sua entrada na cultura, na vida em sociedade com todas as suas normas e proibições.

Já para as garotas, algumas coisas diferentes acontecem. Freud insiste em continuar chamando de complexo de Édipo nas meninas, ao contrário do que alguns chamam de complexo de Electra. Ele se justifica dizendo que o início desse complexo se dá da mesma forma, a saída é que difere. Contudo, é um processo mais complexo e obscuro, e tal fato o faz referir-se à feminilidade como um continente negro.

A menina também mantém seus desejos relacionados à mãe, mantém práticas masturbatórias e atribui universalmente seu órgão (clitóris) a todos. Quando percebe a existência de um traço/órgão (pênis) que lhe falta, inicia sua pesquisa e cria também suas teorias¹. Supõe que sua mãe também é detentora desse órgão, tal como seu pai, seu irmão ou outro representante do sexo masculino. Pode achar inclusive que seu órgão também vai crescer. Contudo, suas esperanças caem por terra quando percebe que sua mãe também é castrada. Daí atribui à própria mãe a culpa de sua castração. Para compensar esse pênis que falta à mãe, vai buscar no pai tal objeto tão intenso de prazer e interesse.

Vemos, agora, que a temática da castração incide principalmente sobre a relação da criança com a mãe. No menino, a separação ocorre para que ele seja preservado do perigo de ser castrado. Na menina, ocorre devido à constatação da ausência desse órgão e inicia um processo de rivalidade com a mãe. Aqui o sentimento de ambivalência também é dirigido à mãe.

¹ Deve-se entender que para o inconsciente não há inscrição do sexo como vagina, mas sim como presença ou ausência de um elemento. Por isso falamos da inscrição lógica da diferença no psiquismo. Tal como nos referimos na aritmética, a diferença é o resultado da operação de subtração de um elemento anteriormente presente.

Ao culpar a mãe por sua própria castração, a menina se identifica com ela em busca do amor paterno, pois ela percebe, tal como acontece nos garotos, que o pai detém elementos² que fazem a mãe desejá-lo. Busca compensações para a falta que constatou no próprio corpo através de diversos objetos de desejo. Busca no pai o pênis que lhe falta, depois passa a desejar ter um filho com este pai, especificamente um filho homem.

Pode-se perguntar: como uma menina sai do complexo de Édipo?

A resposta é negativa. O que acontece é que seu desejo dirigido a seu pai nunca é realizado e assim ela acaba por ter que substituir esse pai por outros objetos que possam compensar a sua castração. Com essas duas saídas diferentes nessa novelinha infantil, tem-se a diferença de funcionamento psíquico entre os homens e as mulheres.

É importante atentar que as variações e impedimentos relativos a esse momento crucial na vida das pessoas é o que marca também a individualidade de cada um e suas escolhas na vida adulta. É através do Complexo de Édipo que as vivências infantis anteriores também podem ser qualificadas de sexuais.

Em resumo, podemos dizer que o Complexo de Édipo constitui o tempo estrutural do sujeito e sua entrada na linguagem. A estrutura do Édipo é composta por quatro elementos: o sujeito, a mãe, o pai e o falo. As leis de interdição na relação da criança com a mãe é chamada por Lacan de Nome-do-Pai³ (DOR, 1989). A introdução do Nome-do-Pai produz uma operação metafórica de substituição do desejo da mãe pelas regras que o sujeito deve seguir para poder constituir-se na cultura. O Complexo de Édipo, portanto, caracteriza-se por marcar a separação do sujeito em relação ao Outro e a produção da **metáfora paterna**. O falo é, nesta estrutura, o significante recalcado que dá o balizamento das identificações do sujeito face o conflito entre o desejo incestuoso e a interdição paterna. É justamente a introdução do pai como terceiro elemento na relação dual criança-mãe que permite o aparecimento da fase fálica. Podemos dizer, portanto, que o Complexo de Édipo acontece, não por uma maturação orgânica ou por uma determinação biológica qualquer, mas realiza-se como um evento cultural proveniente de modificações da relação do sujeito com a alteridade, especialmente pela presença do pai no desejo da mãe.

² Falo.

³ Expressão *Nom du Père*, que em francês mantém homofonia com a expressão *non du père*, que significa Não do pai.

PERÍODO DE LATÊNCIA

Freud afirmava que, inicialmente, a criança é **perversa polimorfa**, ou seja, que seus impulsos sexuais não obedecem às leis morais e que atuam desorganizadamente. Só em um momento posterior, com a inscrição da diferença sexual e com as vivências correspondentes ao complexo de Édipo, é que as pulsões se organizam em torno da significação fálica.

Após a vivência edipiana, segue-se um período em que os interesses sexuais são postos de lado e as crianças começam a ensaiar seus papéis diante do outro sexo. Surgem as brincadeiras entre os grupinhos de meninos e de meninas. A temática da sexualidade não ocupa mais tanto a atenção desta garotada de forma tão clara como antes.

Para Freud, essa é a fase conhecida como período de latência, quando tudo que foi vivido anteriormente está sendo elaborado. Esse termo refere-se ao fato de que os conteúdos das fantasias infantis foram jogados para o inconsciente e que começam a formar satisfações substitutas para aqueles antigos impulsos.

Com as futuras modificações corporais adolescentes as pulsões passam a se dirigir com sua força, organização e sentido para a relação sexual propriamente-dita.

FASE GENITAL E ADOLESCÊNCIA

Para terminar, algumas palavras sobre a adolescência e a fase genital propriamente dita.

As mudanças corporais iniciadas na puberdade têm um impacto profundo sobre o sujeito. Seu corpo começa a funcionar de forma diferente e sua imagem fica bastante diferenciada. Neste momento, as pulsões (oral, anal, escópica e invocante) já estão organizadas numa imagem de corpo próprio e que agora passa por alterações. Todas elas agora estão orientadas para função sexual. O corpo da criança está pronto para pôr em marcha os objetivos da reprodução e da perpetuação da espécie. Entretanto, essa função sexual vai obedecer às fantasias, frustrações e satisfações vividas nos períodos anteriores.

Os interesses do adolescente e as exigências que lhes são dirigidas reeditam a intensidade que viveu os interesses da primeira infância. Mas a forma como sua busca de satisfação é encarada agora adquire novos delineamentos. Podemos dizer, de acordo com Sônia Alberti (2004), que apesar do conceito de adolescência constituir uma delimitação teórica de nossos tempos, a principal característica

deste período da vida é a reedição da separação ocorrida no Complexo de Édipo. Em outros termos, é na adolescência que o sujeito se vê confrontado com mais uma importante separação em relação ao Outro (seus pais).

Calligaris (2000) refere-se à adolescência como um período de moratória onde nem tudo que o sujeito realiza possui legitimidade para o Outro. Neste sentido, o adolescente é uma espécie de sujeito “café com leite” que busca sua identidade a ser supostamente definida na idade adulta. A moratória adolescente implica na promessa de um dia o sujeito poder realizar suas escolhas livremente e assumir suas responsabilidades perante a sociedade. Todavia, durante toda a vida o sujeito teve de fazer escolhas e situar-se em relação aos outros. Apesar das particularidades envolvidas, este período é apenas mais um dentre vários outros em que o sujeito realiza sua dialética de alienação e de separação em relação ao campo da do Outro.

Por fim, podemos dizer que o que se trata na psicanálise não é da infância, mas o elemento infantil que cada sujeito apresenta na sua forma de se relacionar com os outros, com o mundo e consigo mesmo. O infantil é o pulsional, desde sempre atuante no ser humano, que se distingue completamente do instinto animal. Enfim, quando reeditamos nosso modo infantil de nos satisfazer, renovamos a descoberta de que a sublime condição humana é atingida apenas ao preço de uma desnaturalização.

Mas essa é uma outra discussão.

THE PSYCHOANALYSIS AND PHASES OF THE ORGANIZATION OF LIBIDO

Abstract: This article aims to weave considerations about the theme of human sexuality, specifically the phases of libido organization whose theoretical framework is psychoanalysis. This has its beginning with Sigmund Freud operating numerous subversions regarding the man thinking about you and regarding the way of thinking childhood. Concludes that the phases of the organization libido are moments in which there is emphasis on an erogenous zone for other, these moments are not confused with the developmental propositions, refer to the constitution of the subject, its relationship with Another and the logical operations of alienation and separation.

Key-words: *Psychoanalysis. Sexuality. Development.*

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRAUSNTEIN, N. **Psiquiatria, teoría del sujeto, psicoanálisis (hacia Lacan).** 6ª ed. Mexico: Siglo Veintiuno Editores s. a. de c. v., 1987.

CALLIGARIS, C. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, v. 4-5, 1900/1987.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1905a/1989.

_____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Tradução de José Luis Meurer. Rio de Janeiro: Imago, v. 15 - 16, 1917 [1916-1917]/1990.

_____. **O esboço de psicanálise.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, v. 23, 1940 [1938]/ 1990.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, v. 2, 1970.

LACAN, J. **O seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1953-54/1979.

_____. **O seminário: Livro 8: a transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1960-61/1992.

_____. **O seminário: Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964/1985.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

Recebido em 06/02/2014. Membro do Conselho Editorial.